

A sociedade pos-industrial.

Os modelos que informam as experiências, os desejos, os conhecimentos, e portanto os atos e os sofrimentos, de uma dada sociedade, (e que o fazem em parte inconscientemente), são relativamente constantes. Ultrapassam via de regra a duração de uma vida individual, e, às vezes, a de gerações inteiras. Por isto são chamados, em determinados contextos, "valores eternos" ou "formas imutáveis". Tal estabilidade relativa os torna dignos de confiança, e essa confiança, (a fé), constitui a base de toda sociedade. No entanto modelos podem mudar e podem ser mudados, e nos sabemos desse fato melhor que não importa que geração precedente. O fato de conhecermos a plasticidade dos modelos nos torna "modernos", já que a modernidade, (em oposição à antiguidade), é precisamente a convicção que modelos são modeláveis, e que "teoria" não é contemplação, mas modelagem de modelos.

Quando um modelo muda no curso de uma vida, fica-se perturbado, porque a confiança em todos os modelos sofre. E quando toda uma série de modelos muda no curso de uma única geração, (como tem acontecido durante os últimos dois séculos), a base mesma da sociedade treme. Mas o clima de tal terremoto, de tal crise de confiança, depende do tipo de modelo que muda. Se mudam os modelos de conhecimento, (se o que está acontecendo é "crise científica"), o evento é vivenciado como "progresso". Se mudam os modelos da experiência, (se o que está acontecendo é "crise artística"), o evento, embora de importância primordial, geralmente não alcança o nível da consciência. E se mudam os modelos do comportamento, (se o que está acontecendo é "crise político-social"), o evento é vivenciado como catástrofe.

Os modelos que informam uma dada sociedade constituem uma espécie de sistema frouxo, uma "mitologia". De maneira que todo modelo implica vagamente todos os demais. Assim por exemplo as revoluções einsteiniana, dadaísta e russa estão de alguma maneira coligadas. Não obstante é possível manipular-se um dos tipos de modelos sem referência a outros tipos: a crise da física provocada por Einstein pode ser estudada sem referência à revolução simultânea na arte e na política. Mas acontece, às vezes, que a mitologia inteira entra em mutação, que todos os modelos mudam simultaneamente. Em tais casos a crise é geral, a revolução é total, e o que está em causa é a fé fundante da sociedade: não se pode mais fiar em nada. A tese deste ensaio é que é precisamente isto que está acontecendo atualmente.

Segundo a tese aqui defendida a crise atual da fé se manifesta sob várias formas, mas a mais nítida é o encolhimento geral de todos os modelos. Todas as nossas ideias, valores, ideais, visões, teorias, estão se encolhendo. Tal tendência rumo ao minúsculo é tanto mais surpreendente que ainda há pouco tempo a tendência oposta, a rumo ao gigantismo, prevalecia. As esperanças ilimitadas de um conhecimento colossal, de satisfações enormes, de consumo sem freio, de poder grandioso, são seguidas de modestia curiosa: metas muito precisas, estratégias dos passos pequenos, êxitos limitados, e contentamento na austeridade.

O encolhimento geral dos modelos é observável em tôdos os campos. Na astronomia o modelo newtoniano de um mundo infinito e eterno cede a mo_o dêlos de espaço-tempo finito e curvo em bolsas de bolsas de gravidade. Em fisica o interesse se concentra sobre fenomenos de mais em mais efemeros e infimos. A dita "revolução biologica" se dà ao nivel molecular dos orga- nismos vivos. A psicologia passa a estudar os mini-comprtamentos, os di_i tos "actomas". Em politica são os grupinhos e bandinhos, (as fracções do terrorismo, as seitas religiosas, os grupos "piloto" ou os de pressão), que preenchem o papel outrora exerciçào pelos movimentos de massa, e os regio- nalismos do tipo basco e flamengo substituem fenomenos como a Grande revo_l lução ou a Grande Alemanha de antes da guerra. Em arte tendências do tipo "minimal art", happening e composições dodecafonais minimas articulam a n_o va sensibilidade. Slogans como "think small", "small is beautiful" e "less is more" caracterizam o futuro imediato.

.-.-.-.-.-.

A dita "revolução dos chips", isto é dos instrumentos de mais em mais inteligentes, baratos e pequenos, servirá de exemplo à tese aqui de- fendida. Há poucos anos ainda parecia como se o artesanato era coisa do passado, e como se o lema "do it yourself" era suspiro saupsista do tipo "voltemos à natureza". Atualmente tudo faz crêr qua a sociedade pos-indus_t rial será baseada sôbre produção caseira. Tal passagem a partir do arte- sanato, a travez a industria e rumo ao artesanato pos-industrial, é revela_d dora da crise atual e merece atenção:

O artesão encara um material, (por exemplo couro), possui um mo- dêlo, (por exemplo a ideia de um sapato), e instrumentos, (por exemplo mar_t telo). Sua ação consiste em obrigar o material a entrar no modelo, e o mo_o delo a entrar no material, e isto graças aos instrumentos. O material deve ser modificado porque não é como deve ser, (não é sapato). O modêlo deve ser realizado porque não é real, (a ideia do sapato não é sapato). E o in- strumento é extensão do seu corpo, (o martelo é seu punho extenso). O ar- tesão é pois engajado na transformação do mundo segunda uma determinada i- deia, (na transformação do couro segunda a ideia do sapato). E pode efeti_v vamente fazê-lo, porque o modêlo no qual està engajado é ideia a dimensão humana, (sapato humano): anthropos metron panton.

Na industria hà màquina com diversas aberturas. Por uma entra ma- terial, por outra modêlo, por terceira energia, e por uma quarta sai o pro_d duto. O mat_r erial, (por exemplo couro), é fornecido por uma estrutura com_o plexa chamada "mercado das materias primas". O modêlo entra na màquina sob forma de ferramenta de aço. A energia é fornecida sob formas diversas por estruturas diversas, (por exemplo a mão de obra pelo mercado do trabalho). E o produto acabado é dirigido rumo a outra estrutura complexa, a do merca_d do do consumo. Destarte tôdos os elementos da produção industrial são mu- tações dos elementos da produção artesanal, e têm caráter radicalmente di- ferente.

As mutações são estas: O material não é mais "mundo", mas emanação de um mundo localizado no além do horizonte da compreensão e da competência do processo de produção. O operário não é mais produtor, mas uma forma de energia. A máquina não é mais extensão de um corpo, mas organismo composto de imitações simplificadas e aperfeiçoadas de órgãos de corpos, organismo no interior do qual corpos funcionam. O produto não é mais material idealizado e ideia materializada, mas mercadoria destinada a mercado que ultrapassa o horizonte do processo produtivo. Mas sobretudo é o modelo que na indústria mudou radicalmente se comparado com o modelo do artesanato.

Para o artesão o modelo é uma ideia de como o mundo deve ser: um ideal, um valor, um imperativo, (o sapato perfeito). Está engajado na realização de tal ideal no curso o mais perfeitamente possível. Por isto sua ação é criticável sob critérios politico-estéticos: por exemplo pode falar-se em "obra prima". Na indústria o modelo é ferramenta produzida por ferramenteiro à base de um prototipo. O prototipo é feito à base de desenhos e cálculos feitos por designers industriais e engenheiros. Tais desenhos e cálculos são, por sua vez, baseados em determinadas teorias. Por certo: por detrás de tudo isto existe uma ideia qualquer, embora ninguém possa saber de quem é tal ideia; mas a ideia está diluída pela sua passagem através desenhos, calculos, prototipos e ferramentas. Tal passagem se dá tendo em vista o mercado das matérias primas, da energia, do consumo, da construção da máquina, das exigências do aparelho administrativo, e outras regras de sistemas complexos. Mas o que importa é a mutabilidade do modelo. Cálculos podem ser refeitos, desenhos melhorados, prototipos remodelados, e ferramentas substituídas por outras. Isto é: o modelo pode ser adaptado progressivamente às exigências dos diversos mercados e aparelhos. Pode ficar sempre mais "perfeito". Precisamente por essa flexibilidade do modelo a produção industrial veio a substituir o artesanato.

Quando se olha um sapato produzido industrialmente, não se vê que é resultado de um modelo transhumano. Que é produto de um processo que ultrapassa em sua complexidade a compreensão humana. A produção industrial é elo entre sistemas complexos, e é, ela própria, sistema complexo, e sobretudo seus modelos são manipulações complexas. Ninguém, (nem o proprietário da indústria, nem seu manager, nem os engenheiros, nem os designers, nem os economistas, nem muito menos os operários), podem abarcar a produção em todos os seus detalhes. A única forma de se dominar tal produção é a estratégia cibernética: controlar o input e o output, e ignorar o resto. O homem deixou de ser a medida do sapato industrialmente produzido.

Assim a diferença essencial entre a produção artesanal e industrial não é nem técnica nem econômica, mas antropológica: a revolução industrial teve por efeito um novo homem. Um homem que não mais visa reali

zar um ideal, mas manipular ideias. Um homem para o qual a meta não é mais mudar o mundo, mas mudar modelos. Porque o homem industrial não é sapateiro: é ferramenteiro. Por isto não visa fazer sapatos, mas modelos de sapatos. E por isto não almeja a "perfeição no sapato", mas modelos "progressivamente melhores" de sapatos. Muito embora o termo "progressivamente melhor" seja problemático em contexto no qual todos os modelos, inclusive o do "progresso" e do "bem", sejam manipuláveis.

Para o homem pré-industrial a origem dos modelos é impenetrável. De onde provém o modelo do sapato? Talvez do céu. Os modelos são para ele "míticos": o sapato ideal é forma divina. Para o homem industrial a origem dos modelos não é problema: é ele proprio quem os elabora. Em compensação os modelos são, para o homem pré-industrial, destinados ao homem: imperativos que chamam o homem. O sapato ideal é ideal para o homem quem o calça. Mas para o homem industrial os modelos não têm dimensão humana: o modelo progressivamente aperfeiçoado do sapato se destina a sistemas complexos, como o são mercados e aparelhos, e o "consumidor do sapato" é obrigado a adaptar-se ao sapato, "à moda". De modo que a revolução industrial era megalomaniaca não por ter demitificado os modelos, (ter "matado Deus"), mas por ter transhumanizado os modelos, (ter "deshumanizado os valores"). Eis a essência da sociedade industrial: seu gigantismo deshumano, sua des-mesura.

Tendo isto em mente, e observando a atual tendência rumo ao liliputanismo, não é preciso mobilizar imaginação futurologica excessiva para saber como será a sociedade pos-industrial, a dos anões miniaturizados. Basta imaginar um instrumento do tamanho de uma caixa de cigarros, destinado a trabalhar o couro, e munido de minúscula memória a qual contenha modelos de diversos sapatos, bolsas, cintos, capas e calças. Imaginar ainda que tal memória eletrônica permita a permutação dos modelos: por exemplo a fabricação de sapatos-bolsa ou de cintos-calça. Imaginar que tais instrumentos sejam de fácil manejo, de custo baixo, e universalmente acessíveis. Imaginar por fim um armário em todo porão, (como há atualmente um carro em toda garagem e uma TV em toda sala, armário esse que contenha toda uma série de instrumentos desse tipo: um para trabalhar tecido, outro para vidro, outro para metal e assim por diante. Quem tiver imaginado tal coisa, (a qual é desde já tecnicamente viável), terá imaginado a sociedade pos-industrial: a dos liliputanos.

A produção pos-industrial será caseira: baseada sobre minimodelos contidos em minimemórias de miniinstrumentos, e armazeandos em armários no espaço privado do produtor-consumidor do produto. Terá pois caráter neolítico: a divisão do trabalho será ultrapassada, e todos produzirão, eles proprios, os produtos que consumirão em seguida. A vida será comparável à da aldeia neolítica: todos fabricarão

'sua propria roupa, seu proprio automovel, sua propria maquina a escrever, seu proprio sapato. A casa individual sera a unidade economica basica: adquirirã as materias primas necessãrias aos instrumentos miniaturizados, e tambẽm nõvos instrumentos, de mais em mais inteligentes, na medida na qual estes sãõ inventados. Nada venderã, nem pedirã colaboraçãõ de quem quer que seja: a fonte energẽtica necessãria à produçãõ estarã incorporada, em forma miniaturizada, (por exemplo minipilha atomica), no proprio instrumento. Embora seja um pouco dificil imaginar o sistema economica de uma tal forma de produçãõ, uma coisa é certa: o estereotipo da produçãõ industrial sera ultrapassado. Jã que os circuitos eletronicos das mini-memorias permitem permutaçãõ, nenhum produto sera igual a nenhum outro: tãõdo automovel, tãõda cadeira, tãõdo cinzeiro, serãõ altamente individualizados. Os homens passarãõ seu tempo em atividade "criativa": brincarãõ no porãõ com mini-modẽlos para produzir obras originais.

No entanto haverã dois fatores que distinguirãõ a sociedade pos-industrial da neolitica, fatores que marcarãõ o futuro. O primeiro é que ninguem "trabalharã" no significado clãssico do termo, isto é: visarã realizar um modẽlo. Apenas seguirã as instruções, (a soft-ware), que acompãha o instrumento. Como nãõ é "cozinhar" o gesto que esquentã lata de sopa de ervilha). O segundo fator distintivo da sociedade pos-industrial é que os modẽlos da produçãõ nãõ serãõ fornecidos pela mitologia, (como o é o caso da sociedade neolitica), mas por circuitos eletronicos impresos. Sãõ estes fatores, e nãõ os problemas economicos, sociais, politicos etc. que caracterizam a tendẽncia atual rumo ao muito pequeno.

Os programadores das mini-memorias, os que elaboram as instruções a serem seguidas, e os que criam os modẽlos da produçãõ, sãõ evidentemente os dirigentes da futura sociedade, (os filosofos da utopia platonica miniaturizada). Nãõ serãõ nem artisões, nem designers industriais, nem ferramenteiros. O artisãõ estã engajado na realizaçãõ de uma ideia, o designer e ferramenteiro no elaboraçãõ de uma ideia. Mas o programador inventã ideias, as constroi a partir de dados elementares, atomares, de "bits". Seu interesse é formal, como o de um matemãtico ou logico, e os circuitos que elabora sãõ como que formulas matematicas ou proposições linguisticas materializadas em chips. De maneira que o artesãõ estã submisso aos modẽlos, o ferramenteiro e o designer estãõ ao nivel dos modẽlos, e o programador estã no alẽm dos modẽlos. E é esta transcendẽncia dos modẽlos, a que os torna infimos e despreziveis, que caracterizarã a sociedade pos-industrial do futuro imediato.

Desde jã podemos imaginar o clima existencial de tal sociedade: sera a do jãõgo. Os programadores brincarãõ com elementos para elaborar modẽlos, e os produtores-consumidores brincarãõ com modẽlos para fabricar objetos. O joguinho, o geitinho, a pequena esperteza: eis como funcionarã a sociedade. A dos anões que sãõ gigantes encolhidos por decepcionados.

A tese aqui defendida é que a crise da fé pela qual passamos não se manifesta por violenta "reavaliação de todos os valores", (como os séculos 19 acreditava que se manifestará), mas por rápido encolhimento de todos os valores, a ponto que desaparecem e são visíveis apenas sob microscópio eletrônico. Os grandes homens, as grandes potências, as grandes visões, as grandes obras, são coisas do passado, embora recente, e são coisas ridículas, porque coisas sem jeito. O que interessa agora são coisinhas pequeninhas, como energia atômica, planejamento familiar, seitas, e mini-carros porque são manejáveis por estratégias e estratagemas, em soma: são planificáveis para metas limitadas. Estamos em crise, porque achamos ridículas os grandes projetos, mas ainda não aprendemos como viver enquanto anões.

Este ensaio escolheu, para ilustrar tal tese, o exemplo da revolução dos chips, portanto o campo da técnica. Outros campos teriam oferecido exemplos mais significantes. O limite imposto ao crescimento futuro no campo da economia. O limite imposto ao conhecimento no campo da ciência. O limite imposto à participação nas decisões no campo da política. Tais exemplos da repentina modéstia que nos caracteriza teriam sido mais perturbadores que o exemplo escolhido. Mas os instrumentos e as memórias miniaturizados têm a vantagem da concreticidade: ilustram quase fisicamente o quanto os nossos atos, as nossas ideias, os nossos ideias, estão ficando pequenos. E o quanto é anacrônica a admiração da grandeza.

A sociedade pos-industrial será cultura fundada sobre modelos elementares, pequenos, duros e indivisíveis como o são as partículas atômicas, sobre "proposições elementares". Será pois cultura combinatoria, de "mosaico". A teoria dos jogos, com suas estratégias, terá o papel preenchido pela dialética na cultura precedente. Será pois cultura de análise e síntese de sistemas. Mas como o que foi analisado jamais poderá ser totalmente re-sintetizado, como o pó analítico jamais voltará a ser a totalidade da experiência primitiva, a cultura do futuro será fantasmagórica, como o são desde já os infimos robots, esses precursores do pos-industrialismo. Será teatro de sombras malaio destinado a liliputanos.

A menos, por certo, que um vento violento vindo de fora, (por exemplo um tufão vindo do Pacífico), não disperse tais joguinhos, e não acabe com esse último avatar da cultura do Ocidente. Mas isto é lá outro problema que ultrapassa os limites muito precisos e previamente programados do presente ensaio.